

Capítulo 1 - Um Registro do Fim

— Aí Boris, tem certeza que é seguro ligar essa coisa? - perguntou Don, que estava claramente aflito com a situação.

— Relaxa cara, o Boris sabe o que tá fazendo... Ele é perito nessas coisas. - disse Luna, que estava com outra garrafa de whisky na mão.

— Luna, para de beber, você ainda vai morrer por causa dessa bebida. - disse Jonas, que estava costurando outro corte no braço.

— Falou o senhor das cicatrizes, tenta parar de ser o escudo humano cara, você tem habilidade suficiente pra sair sem nenhum ferimento dessas lutas e acredite, cicatrizes não impressionam ninguém. - disse Diana, enquanto retocava a maquiagem em um espelho quebrado.

— “As cicatrizes são lembranças das minhas batalhas”, é o que ele vive dizendo. - falou Rex, que estava tentando resolver um cubo mágico.

— Façam um pouco mais de silêncio, por favor. - falou Boris - Aliás, alguém viu minha chave de fenda e o alicate de corte? Preciso deles pra terminar de consertar essa coisa, mas não encontro eles em lugar nenhum...

— Boris, a chave de fenda está no seu bolso e o alicate em cima dessa coisa que você tá tentando consertar e que provavelmente vai tentar nos matar, igual àquele robô que você fez pra assar carne. - disse Diana, olhando feio pra Boris.

— O robô só levou a frase “assar carne” bem a sério, um erro na programação... - disse Boris, voltando aos consertos.

— Boris, você pelo menos sabe o que é isso? - perguntou Don.

— Saberei em um minuto, você pode pegar a bateria pra mim? É aquela coisa grande perto daquele negócio que parece um cisne brigando com um bode.

— Boris, aquilo é a estátua que fizeram da luta de Miguel e Lúcifer, e eu não sei onde você acha que aquilo parece um cisne e um bode. - disse Don, que já estava cansado de pegar as coisas só por ser mais forte que todo mundo. - As vezes eu me pergunto por quê sempre que você conserta alguma coisa, você deixa uma peça importante e pesada longe dela.

— Eu já cansei de perguntar coisas sobre os consertos dele a ele, prefiro beber enquanto ele conserta as coisas, por que se isso nos atacar, vou estar bêbada o suficiente pra esquecer disso depois. - disse Luna, que já estava na segunda garrafa de whisky.

— Pronto, consertei. Agora... Onde foi mesmo que eu vi o botão de ligar? Hummm... Ah! Foi aqui, muito bem pessoal, vamos ver o que isso faz. - então Boris apertou o botão azul em baixo do que parecia ser o queixo daquilo.

De repente, as peças de metal começaram a se mover e a levitar, como se estivesse se reorganizando. De repente, todas as peças começaram a brilhar em um tom avermelhado e todos pegaram suas armas e apontaram para aquela máquina estranha, mas, para a surpresa de todos, as peças simplesmente se juntaram em uma forma humanóide e se sentou em um carro destruído, bem próximo a eles.

— Boris, o que você fez com isso? O que é essa... Coisa? - perguntou Jonas.

— Iniciando reconhecimento de formas de vida num raio de 20km... - disse a máquina com uma voz estranhamente suave e metálica - Seis formas de vida reconhecidas. Inicializando descrição e histórico...

— O que isso quis dizer com... Descrição e histórico? - perguntou Don.

— Donatello Bardi, 22 anos, 1,80 de altura, branco, cabelos negros e olhos castanhos. Nascido em Florença. Veio para a América para encontrar uma amiga, arranjou um emprego facilmente devido a sua força descomunal. Quando o apocalipse começou, teve de escolher um lado e escolheu o lado dos anjos. Atualmente faz parte de um grupo que procura sobreviventes e itens necessários para a sobrevivência. Ainda procura pela sua amiga, Anna.

— Como essa máquina sabe de tudo isso? - perguntou Don.

— Seu nome é Donatello? - disse Diana, rindo.

— Diana Keltan, 21 anos, 1,70 de altura, parda, cabelos louros e olhos verdes. Nascida em Atlantic City. Queria ser modelo desde pequena, mas não foi bem na sua primeira seleção e entrou em depressão por um ano. Quando saiu da depressão, tentou mais uma vez ser selecionada para ser modelo e desta vez conseguiu. Estava desfilando quando o apocalipse começou, escolheu o lado dos anjos pois foi salva por um. Atualmente faz parte de um grupo que procura sobreviventes e itens necessários para a sobrevivência.

— Tá bem, isso não teve graça... - disse Diana, abraçando o próprio corpo.

— Calma Diana, não foi tão ruim assim... Não tem problema saber um pouco sobre sua vida né? - perguntou Jonas.

— Jonas Netil, 23 anos, 1,90 de altura, branco, cabelos acobreados e olhos negros. Nascido em Tijuana. Saiu de casa em busca de emprego. Foi preso injustamente e teve de aprender a lutar

na cadeia para sobreviver. Quando cumpriu sua pena e estava saindo para tentar encontrar um emprego, o apocalipse começou. Escolheu o lado dos demônios por ter se identificado com a "história de vida" que um demônio lhe contou. Ele não sabia o que era aquilo, apenas estava ajudando a limpar e tratar os ferimentos do demônio que o enganou depois de um tempo. Atualmente faz parte de um grupo que procura sobreviventes e itens necessários para a sobrevivência. Ainda se arrepende de ter lutado ao lado de um demônio que o enganou e tentou matá-lo depois de tudo o que fez.

— Okay, ninguém precisava saber que eu fui preso... - disse Jonas.

— Relaxa Jonas, você não vai ficar bolado por causa de uma máquina estúpida vai? - perguntou Luna.

— Luana Enderton. 20 anos, 1,68 de altura, negra, cabelos pretos e olhos azuis. Nascida em Pernambuco. Sempre se esforçou para conseguir o que queria na vida. Aos quinze anos conseguiu uma bolsa de estudos para estudar física quântica nos Estados Unidos. Entrou para a faculdade e para a polícia para poder se manter sem ajuda nos Estados Unidos. Estava trabalhando em um projeto secreto para criar um motor propulsor de hiper espaço quando o apocalipse começou. Escolheu o lado dos demônios pois um anjo destruiu todo o seu trabalho. Atualmente faz parte de um grupo que procura sobreviventes e itens necessários para a sobrevivência. Começou a beber quando o apocalipse começou e ainda quer terminar o seu trabalho.

— Okay, isso foi estranho. Alguém quer vodka? Acabei de achar. - disse Luna com uma garrafa de vodka cheia e empoeirada na mão.

— Eu quero... - disseram Don, Diana e Jonas, juntos.

— Vão ficar querendo, desculpa aí.

— O que é isso afinal de contas? - perguntou Boris.

— Boris Enerit. 19 anos, 1,74 de altura, albino, cabelos brancos, um olho azul e outro verde. Nascido na Rússia. Desde pequeno sofria bullying por ser albino, possuir heterocromia e ser órfão, mas nunca se abalou por isso. Mostrou aptidão para consertar máquinas e qualquer coisa

que fosse tecnológica quando tinha seis anos. Veio para a América para tentar trabalhar consertando e ajudando na montagem de foguetes, mas acabou conseguindo apenas um emprego em uma oficina por não ter frequentado a escola, embora não fosse preciso pois aos dez anos ele já fazia trabalhos de ensino superior. Não escolheu nenhum lado na guerra, apenas consertava o que lhe traziam e era sequestrado por ambos os lados de vez em quando. Atualmente faz parte de um grupo que procura sobreviventes e itens necessários para a sobrevivência.

— Ainda bem que ela não mencionou que eu fugi de todos os lares que me adotaram...

— Você acabou de falar isso pra todo mundo, seu gênio retardado. - disse Rex.

— Rex. 25 anos, 1,78 de altura, negro, cabelos negros e olhos azuis. Nascido no Japão. Dados insuficientes.

— Peraí, essa máquina sabe da vida de todo mundo menos do Rex?? - perguntou Diana, indignada.

— A culpa não é minha. - disse Rex.

— E de quem é? - perguntou Don

— Não faço ideia. Boris, o que você vai fazer com essa coisa?

— Iniciar funções primárias, agora. - disse Boris, olhando fixamente para a máquina.

— BORIS, TÁ MALUCO CARA?? - gritou Don, e todos pegaram suas armas e apontaram novamente para a máquina.

— Boris. Desliga isso. Agora. - disse Luna.

— Funções primárias carregando... Registro das guerras da humanidade... Arquivos corrompidos... Última guerra disponível : batizada pelos humanos de "guerra santa", batalha apocalíptica na qual os humanos foram arrastados. Solicitando permissão para usar a história das formas de vida aqui presentes, mostrando seus pensamentos e sentimentos em relação aos fatos acontecidos...

— Bem... - disse Boris - Pelo menos não nos atacou... Ei gente, o que vocês acham de me mostrar o que aconteceu enquanto eu consertava e era arrastado de um lado pro outro?

— Boris, isso pode não ser uma boa ideia... - disse Luna, olhando com preocupação para ele - Aconteceu muita coisa que talvez você não goste...

— Por favor gente, por menos que eu goste, eu quero saber o que meus consertos fizeram... Eu tenho esse direito, não é?

Todos se entrolharam com preocupação, mas Boris estava parecendo realmente triste por não saber o que aconteceu enquanto ele trabalhava duro todo aquele tempo, então Rex se pronunciou.

— Permissão concedida. Você merece Boris, mas não se arrependa se não gostar do que ouvir.

— Obrigado Rex, você é de mais... Mesmo que as vezes você seja assustador...

— Ser sincero de mais as vezes não é bom, já te disse isso. - falou Luna, pulando nas costas dele. — Mas se você quer mesmo isso, tudo bem. Permissão concedida, máquina estranha. Se prepare pra tudo meu albino favorito. - disse ela enquanto beliscava as bochechas dele.

— Luna! Isso dói! Mas obrigado baixinha...

— Permissão concedida. E cara, não se arrependa, ok?

— Valeu Don, não vou me arrepender mano.

— Você sabe o que vai acontecer se você parar no meio da história? - perguntou Jonas.

— Não, o quê? - perguntou Boris, rindo.

— Vou te dar uma cicatriz igual a que tenho nas costas. - falou Jonas, em um tom de seriedade que todos deram um passo pra trás. — É brincadeira mano, permissão concedida. - disse ele, rindo — Você devia ter visto sua cara, cara!

— Você é muito assustador quando quer, ó lorde das cicatrizes! - disse Boris rindo.

— Permissão concedida. Espero que eu não me arrependa de ajudar a te fazer saber o que aconteceu. - disse Diana, emburrada.

— Não vai se arrepender não, Miss apocalipse...

— Quantas vezes já disse pra não me chamar assim Boris? - disse ela, olhando fixamente nos olhos dele.

— Não vou falar mais... Eu acho... - disse Boris, rindo.

— Não tem como ela ficar com raiva de você Borisinho, agora se senta pra ouvir tudo que essa máquina disser enquanto eu durmo aqui. - disse Luna.

— Nas minhas costas? Não prefere um lugar mais confortável não?

— Não, suas costas estão quentinhas... Ah! Você ainda tem remédio pra dor de cabeça?

— Tenho sim, por quê?

— Vou acordar com uma ressaca pós apocalíptica... - e dormiu, abraçada nas costas de Boris.

— Quanto sono... Mas então... Todos se sentem, peguem pipoca e salgadinhos para ouvirem a história da destruição de quase toda a humanidade em uma guerra que nenhum de nós se alistou. Permissão concedida. - disse Boris.

— Reunindo dados... - disse a máquina, que a essa altura já estava levitando.

— Boris... Pause isso. - disse Rex.

— Por quê??

— É melhor irmos para um lugar menos... Aberto. - disse Rex, olhando para os lados.

— Valeu por lembrar cara. Que tal aquele galpão ali na frente? Ele parece não estar tão ruim... Pausar função primária.

— Função primária pausada. - disse a máquina, que parou de levitar e pousou no carrinho de mão que Boris tinha encontrado e consertado para trazer a máquina até ali.

— Eu e o Don vamos na frente. - disse Jonas - Rex dá cobertura e Diana cuida da reta guarda. A Luna quando dorme é difícil de acordar, e o Boris vai carregar ela, então... Olhos e ouvidos atentos pessoal.

Mesmo o galpão sendo no final da rua, eles foram o mais silenciosamente possível, pois não queriam lutar naquele lugar, não após terem saído de um confronto violento. Quando chegaram lá, esperaram dois minutos para ver se Jonas e Don encontravam alguma coisa. Eles voltaram e disseram que estava tudo limpo, e que aquele galpão tinha uma sala de vigilância ainda ativa e grande o suficiente para todos.

— Dá pra você ouvir a história e nós ficarmos de olho em tudo. Você tem sorte pra escolher lugares hein cara... - disse Don.

— Não chamaria de sorte, mas ainda bem que estava vazio... - disse Boris.

Após entrarem e se instalarem na sala de vigilância, Boris deitou Luna no sofá, que mesmo dormindo reclamou de ter saído das costas quentinhas dele para o sofá, mas abraçou uma almofada meio rasgada e se deitou de costas para a equipe.

— Fala sério, essa Luna é de mais! Ela consegue dormir bem e mesmo assim saber que saiu das minhas costas... Mas muito bem. Continuar função primária. - disse Boris, sentando perto do sofá.

— Função primária executada. Completando o carregamento de dados... Carregamento concluído. Registro inicializado.

Capítulo 2 : A Paz... Que Não Durou

Tudo começou quando um novo governo surgiu, apoiado e liderado por alguns dos mais poderosos líderes de todos os países, que respondiam a um homem chamado Altair. No começo, todos achavam que esse novo governo seria ótimo, pois unificaria as nações, formaria apenas uma moeda, e com isso o mundo iria avançar. A promessa de paz que isso mostrava era

tentadora e não apresentava falhas, o que fez com que todos aceitassem esse governo rapidamente. Em apenas um ano e meio, todo o mundo estava sob o poder deste novo governo. A taxa de criminalidade desceu 50% em seis meses no mundo inteiro, a economia subiu 48% e

o mundo prosperou. Nos outros seis meses, os casos que estavam arquivados no tribunal foram novamente julgados e os culpados foram condenados, enquanto que as pessoas que trabalhavam estavam dizendo que estavam gostando do novo governo e que suas vidas melhoraram. Os outros seis meses foram decadentes para este governo. O que parecia ser uma

coisa que faria um bem para a humanidade, acabou se tornando uma ditadura. Logo, as pessoas tinham que escolher o que lhes fosse mandado, ir do trabalho para casa e de casa para o trabalho. Apenas nos finais de semana as pessoas podiam conversar umas com as outras, e em limites de tempo determinado pela lei. No final dos três anos de paz que este governo instaurou, a guerra começou. Uma guerra sem precedentes e que forçou as pessoas a escolherem o lado em que lutariam, ou apenas morrerem no "fogo cruzado" desta luta.

— Eu não senti isso tudo que a máquina falou... - disse Boris - Eu vivia na oficina, não saía de lá pra nada, e vocês? Era ruim assim mesmo?

— Sim Boris, era. Eu como era modelo não senti tanto assim, mas todo o resto do pessoal, talvez até o Rex, tenha sentido como foi ruim ter de viver assim. - disse Diana.

— Eu não senti nada até sair. A cadeia foi ficando mais vazia, é verdade, mas todos os que brigavam comigo continuavam lá. - disse Jonas — Agora, continue ouvindo o que houve.

Uma luta que começou quando seres parecidos com humanos, só que estes tinham um brilho intenso, desceu do céu com armas como espadas, lanças e arcos começaram a atacar as pessoas deste governo. Muitas pessoas gostaram deste ataque, pois não aguentavam mais o jeito que estavam vivendo. Outras não gostaram pois estavam achando justo o que acontecia. Em duas semanas de luta, outros seres, também parecidos com os humanos, só que com um brilho vermelho escuro surgiu não se sabe de onde e começou a lutar com estes outros. A primeira luta entre eles aconteceu nas proximidades de uma cadeia... E a paz que no início parecia ótima e eterna... Acabou.

Capítulo 3 : Salvando Aquele Cara

Jonas estava saindo da cadeia naquele dia, pensando que só por ser de fora já tinha sido difícil conseguir um emprego, ainda mais agora que ele era um ex presidiário... "Não vou deixar me abalar por isso" pensava Jonas, "eu vou conseguir trabalho, preciso conseguir dinheiro senão...",

pensamento que foi interrompido quando dois caras caíram do céu alguns metros na sua frente. Eles pareciam normais, estavam apenas usando roupas rasgadas e com um pouco de sangue escorrendo de alguns ferimentos e nem pareciam ter sentido a queda, que deixou uma cratera no

chão. E o mais estranho é que eles estavam portando espadas estranhas e ficaram se encarando por alguns momentos.

— Vamos lá Nymion. Você não vai conseguir me vencer. Entregue-se e morra como um bom anjinho. - disse o primeiro cara.

— Acho que você não entendeu ainda que sua existência acaba hoje, Aldron. Você será menos um demônio na terra. - disse o outro cara, que sacou uma segunda espada.

"O que tá acontecendo aqui? Melhor eu ficar olhando de longe, esses caras são loucos..." - pensou Jonas enquanto se escondia atrás de um carro para observar.

A luta entre eles era muito estranha, eles usavam movimentos rápidos de mais para Jonas acompanhar, ele só via clarões de luz branca e vermelha e depois faíscas quando as espadas se encontravam. O combate foi feroz, alguns espirros de sangue surgiram saindo do primeiro cara,

que agora estava tentando a todo custo evitar os golpes do segundo cara, que ele chamou de Nymion, mas ele estava muito ferido e em uma das suas tentativas de esquiva, tropeçou e caiu na cratera onde eles tinham chegado.

— Você lutou bravamente Aldron. Mas agora é o seu fim. - disse Nymion, enfiando a espada três vezes no peito e na barriga de Aldron.

Quando ele ia desferir o quarto golpe, Jonas apareceu e deu um soco com toda sua força na cara de Nymion, o que deixou sua mão doendo como se tivesse socado uma parede...

— Cara, para com isso! Olha o estado desse homem, ele já está morto! - e tentou sentir a pulsação de Aldron - Viu? Ele nem tem pulso! Vai embora daqui antes que eu chame a polícia!

— É melhor sair da frente humano. Você não sabe no que está se metendo. Isso é um assunto que é melhor você não interferir.

— Escuta aqui cara, só deixa ele morrer em paz! Você deve estar com muito ódio dele para querer que ele morra despedaçado assim... Você já furou o peito e o estômago dele cara, para com isso pelo amor de Deus!

E ao ouvir a última frase, Nymion baixou a espada. Virou-se olhando de lado para Jonas e deu para notar a fúria em seu olhar.

— Escute aqui Jonas. É melhor nós não nos encontrar-mos no campo de batalha. Eu não terei misericórdia de novo e se interferir mais uma vez... Você vai morrer antes que tenha notado.

E com isso, Nymion pulou e desapareceu num feixe de luz branca que Jonas teve de desviar os olhos pois a luz era muito forte, parecia até um sol branco em miniatura. Jonas olhou para o corpo do homem que tentou proteger e, para sua surpresa, o homem estava de olhos abertos e começou a tossir sangue.

— Obrigado... Por... Me ajudar... Com aquele... Cara... - disse Aldron, tendo sua fala interrompida por acessos de tosse com sangue - Meu... Nome é... Aldron... Você sabe... Costurar os... Ferimentos?... Não consigo... Me mexer... Direito...

— Como você ainda está vivo? Cara, me explica isso depois, eu vou te levar pra um hospital... Onde tem um hospital? Você sabe?

— Terceira... Rua a direita... Um prédio... Azul...

— Beleza, vamos pra lá agora. - disse Jonas, colocando o homem nos braços.

— Eu consigo... Andar...

— Nada disso, você tá muito machucado, vou te levar pro hospital assim, agora cala a boca que você não pode falar ou vai morrer mais cedo... Aldron riu, mas se calou e ficou observando Jonas procurar desesperado pelo hospital. Quando enfim chegaram lá, o hospital estava semi

destruído e com corpos pelo chão. Jonas ficou chocado com o que viu, pois nem na cadeia usavam tanta brutalidade para matar alguém...

— Aldron, não é mesmo? Me chamo Jonas. Olha, pelo que eu vejo não tem ninguém aqui, eu vou ter que dar um jeito nos seus ferimentos mas... O que você acha que causou tanta destruição aqui?

— Caras como o... Nymion e os dele. - disse Aldron, cuspid no chão - Entra naquela sala... A direita... Você vai achar o... O que precisa lá... - e teve um acesso violento de tosse com sangue. Jonas se apressou para essa sala, deitou Aldron na maca e começou a procurar o que ia usar.

Luvras, agulha, linha, anestésico, gaze, esparadrapo... Após reunir tudo o que precisava, ele avisou a Aldron que iria aplicar o anestésico pra que ele não sentisse dores enquanto era costurado e Aldron recusou, dizendo que nada podia ser pior do que aquilo que estava sentindo

no momento. Mesmo a contra gosto, Jonas colocou as luvas e começou a limpar os ferimentos de Aldron, que não se moveu uma única vez, nem quando Jonas colocou álcool nas feridas, nem quando começou a costurar, só quando Jonas terminou de costurar, colocar a gaze e o esparadrapo que Aldron levantou e agradeceu.

— Cara, fica sentado, eu acabei de costurar os seus ferimentos, você não pode se mexer tanto assim, precisa se recuperar!

— Jonas, você quer trabalhar fazendo coisas parecidas com o que fez hoje comigo? Salvando pessoas, limpando ferimentos, costurando, uma nova chance de vida?

— Ahn... O quê?

— Você fez um ótimo trabalho aqui. - disse Aldron, apontando os cortes costurados - Sabe, tem uma guerra começando... Você não deve saber o que tá acontecendo pelo tempo que ficou lá dentro, mas tem caras como aquele que me atacou... Eles atacaram pessoas que agora estão precisando de cuidados médicos, mas muitos médicos se recusam a ajudar e alguns estão mortos... Nós vamos te pagar, vai dar pra se manter aqui e quando a guerra acabar... Você vai ter uma boa vida!

Jonas parecia estar muito confuso e chocado com aquela proposta que apareceu do nada, então Aldron disse que ele apenas o acompanhasse, só por uns tempos pra ver o que ele ia achar da situação. Jonas concordou em dar uma volta e ver a situação em que se encontravam os amigos de Aldron, então pegou o máximo de coisas que podia carregar e pegou uma mochila no saguão

do hospital para levar tudo isso. Aldron estava dentro de um carro quando Jonas saiu do hospital, coisa que ele achou um pouco estranho mas decidiu não fazer perguntas. Passaram a maior parte do trajeto calados, mas depois de um tempo Aldron começou a falar.

— Quando eu vim pra cá eu só queria um emprego... Dar uma nova vida pra minha família sabe? Mas no fim das contas eu acabei sendo preso. Tive sorte de conseguir chegar em uma academia que ensinava artes marciais. O sensei me acolheu e me deu uma chance, aprendi muita coisa lá. Mas daí a uns anos a guerra começou e eu tive que tomar partido pra proteger o dojo. Aquele louco nos atacou e eu fui tentar proteger o lugar... O resto você viu.

— "O resto" que eu vi, foi você se dando mal e eu costurando seus ferimentos... E recebendo uma proposta de emprego. Cara, eu acho que vou te ajudar... - "Sua história parece um pouco a minha", pensou Jonas - Quantos feridos lá?

— Cara, quando eu saí lutando contra o idiota do Nymion tinham dois, agora eu não sei... Quando chegarmos lá você vai ver.

"Se chegarmos lá..." pensou Jonas, olhando para um pequeno pedaço da cidade que estava destruído e para uma casa em chamas.

Capítulo 4 : Guerra no Desfile

— Casa em chamas na rua de um hospital? Eu estava desfilando a duas quadras dali... - disse Diana, que estava escovando o cabelo.

— Sério que você tava desfilando no meio de uma guerra? - perguntou Boris.

— O produtor do desfile não ligava pro que acontecia ok? Tava todo mundo assustado lá e era meu primeiro desfile, você acha mesmo que eu ia amarelar?

— Calma, vamos voltar a ouvir a máquina. - disse Jonas.

A algumas quadras dali, uma jovem aspirante a modelo estava tremendo de ansiedade, tanto por ser seu primeiro desfile quanto por ter que desfilar em meio a uma guerra e ela não entendia como aquele lugar podia estar cheio de gente conversando calmamente como se nada estivesse acontecendo do lado de fora.

— Você está bem? - perguntou Alexandra, uma das concorrentes e amigas de Diana.

— Estou... - disse Diana, dando um meio sorriso — É só que é meu primeiro desfile e estamos no meio de uma guerra e olha só aqueles caras ali. - disse ela, puxando um pouco as cortinas

para que as duas pudessem observar — Eles estão super de boa, conversando e rindo como se nada estivesse acontecendo lá fora, isso me assusta Alex...

— Calma Didi - disse Alex, rindo — Eles são assim mesmo, ouvi falar que nada assusta esses críticos, um deles diz que " a arte não vai ser destruída, então vou apreciá-la até meu último suspiro". Loucura né?

— Isso foi pra me acalmar? Não deu certo...

Alex abraçou Diana, passou a mão nos cabelos dela e disse que tudo ia ficar bem, e que era melhor ela tomar um copo d'água e respirar fundo por quê dali a cinco minutos elas iam entrar na passarela. Diana admirava muito a Alex, mesmo elas concorrendo a uma vaga para concorrer a miss, a Alex ainda colocava a amizade acima disso e tentava de tudo pra animar ela.

— Alex, você tem razão. Não adianta ficar nervosa, isso só vai me atrapalhar. - Diana deu um abraço carinhoso na sua amiga e agradeceu — Você é de mais amiga, agora vamos lá e vamos mostrar a essas daí quem são as duas melhores modelos daqui!

— É assim que eu gosto de ver você! - disse Alex, sorrindo.

Dois minutos depois, as modelos foram sendo chamadas uma a uma para irem até a passarela e desfilarem. Pela ordem de chamada das modelos, Alex e Diana iriam ser as últimas a desfilarem, "Deixaram as melhores pro final" pensou Diana. Uma a uma, as modelos iam para a passarela, confiantes e nervosas, mas todas com a vontade de conseguir seu sonho. Algumas voltavam estampando confiança, outras voltavam com angústia no olhar e uma assim que voltou da passarela desabou em lágrimas dizendo que se não tivesse se desequilibrado teria conseguido ser escolhida. Finalmente chegou a vez de Alex, que foi confiante e voltou com um sorriso no rosto desejando boa sorte a Diana.

— Muito bem... Minha vez! - disse ela, tentando soar mais confiante do que estava.

Quando ela entrou na passarela, as portas se abriram com um estampido e um homem vestindo um terno preto e um sobretudo cinzento apareceu. Diana continuou desfilando, enquanto o homem se aproximava e quando ela chegou ao fim da passarela, todos os avaliadores se levantaram e mandaram ela parar. O que se destacava entre eles se pronunciou.

— Você não deveria estar aqui.

— Nenhum de vocês deveria estar aqui, principalmente depois do que fizeram a esse mundo.

— Nós não queremos briga, senhor...?

— Me chamo Esteroth. Você deve ser Zenion. E o resto da sua gangue? Continuam enganando jovens moças e destruindo a vida delas?

Nesse momento, Diana deu um passo para trás. "Quer dizer que todo esse trabalho que eu tive foi pra... Nada??" pensou ela, já com lágrimas nos olhos. "Fui enganada?! Isso é muito injusto! Meu sonho... Eu...", mas seus pensamentos foram interrompidos, pois um dos que estavam lá pulou na passarela, a agarrou por trás e colocou uma adaga no seu pescoço.

— Muito bem senhor Esterth. Vou lhe dar duas opções. Ou você se retira daqui como se nada tivesse acontecido, ou nós fazemos essa garota e todas as outras que estão aqui irem se encontrar com o seu pai um pouco mais cedo. — Falou Zenion, dando uma risadinha cínica no final.

— Zenion, você vai matar algumas delas mesmo que eu saia daqui. Então... - nesse momento, Esteroth fez um movimento com o pulso e uma lâmina atravessou a cabeça daquele que estava segurando Diana. — Hoje será seu último dia aqui. Garota, eu vou proteger você. Não se preocupe.

— Belas palavras para um anjo que está prestes a morrer. Todos vocês, ataquem ele e a garota. Não quero sobreviventes. - falou Zenion, que se sentou em sua cadeira para observar.

Em um instante, os dez homens que estavam ali sacaram espadas, adagas e dois sacaram metralhadoras. Dois a dois, eles enfrentaram Esteroth, que lutava como se fosse um raio em meio aquele lugar. Diana mal conseguia acompanhar seus movimentos, apenas viu um flash e um dos homens estava no chão, com uma adaga reluzente enterrada no olho esquerdo, atravessando o seu crânio. Ela estava tão pasma e nervosa que não conseguia nem mesmo gritar. Mais um flash e o outro estava sendo jogado pela janela. Em um estalar de dedos de Zenion e dois deles jogaram várias adagas em Diana, que fechou os olhos e apenas esperou sentir o frio das lâminas se enterrarem na sua carne pois não ia conseguir desviar. Ela ouviu um barulho de metal batendo em metal, mas não teve coragem de abrir os olhos. Dois segundos depois e ela ouviu gemidos de dor.

— Zenion, mande seus homens abaixarem as armas e eu talvez poupe você. - ele se ajoelhou e levantou o rosto de Diana para enxugar suas lágrimas e perguntar se ela estava bem - Não se preocupe mocinha. Não vou deixar nada acontecer com você.

— Abaixar as armas? Contra adagas você e espadas você é rápido. Mas e contra armas de fogo? - ele olhou para Esteroth e depois para Diana - Atirem nela.

Ao ouvir isso, Diana simplesmente se jogou no chão para tentar evitar os tiros, mas ao invés de cair ela sentiu como se estivesse sendo puxada para cima. "Espera... Eu estou mesmo sendo

puxada! Mas... Como isso é possível????". Então ela olhou para trás e viu que Esteroth estava puxando ela pelo vestido. Com um movimento rápido, ele a colocou no braço e com o braço livre jogou uma adaga em um dos atiradores que atingiu o segundo enquanto caía. Esteroth então a colocou de volta na passarela e virando-se para Zenion, falou :

— Você vai lutar agora? Ou vai chamar mais algum capanga?

— Muito bem. Está preparado para morrer?

Então Zenion pegou um rifle e atirou apenas uma vez contra Esteroth. Ele tentou rebater a bala com uma adaga, mas ela se partiu e atingiu o braço esquerdo dele.

— Como... Como você...??

— Balas especiais feitas para matar anjos, caro amigo. Presentinho do centro de pesquisas. Suas adagas são inúteis agora.

— Não tanto quanto você imagina. - então Esteroth sacou uma adaga que possuía um brilho diferente, como se ela fosse feita de ouro.

Zenion atirou mais uma vez contra Esteroth, mas este usou está adaga dourada para desviar a bala. Ao ver a cara de surpresa de Zenion, Esteroth riu e explicou.

— Essa adaga foi feita com um metal raro, muito parecido com o ouro, mas este metal apenas se encontra no paraíso. Eu não queria manchar a lâmina com seu sangue impuro... Mas você tentou matar esta garota inocente apenas para me atingir. Este será o seu fim.

Então Zenion começou a atirar freneticamente contra Esteroth, que desviava todas as balas com sua adaga e ia se aproximando cada vez mais. O medo era visível no rosto de Zenion, mas quando as balas acabaram, ele tentou correr mas Esteroth apareceu bem na sua frente e esfaqueou seu peito com a adaga, que fez o corpo de Zenion se desfazer em chamas brancas. Ao terminar isto, ele se virou para Diana.

— Me perdoe por ter visto isso milady. - disse ele fazendo uma mesura — Mas era o único jeito de lhe manter a salvo.

— O que... O que... O que aconteceu aqui? - perguntou Diana, chorando — Vocês arruinaram meu desfile, fui quase morta, meu vestido está arruinado e... E... E... - e nesse momento ela desabou em lágrimas.

— Calma jovem dama. - disse Esteroth, calmamente, enquanto passava a mão nos cabelos dela — Tudo vai ficar bem. Acredite em mim, eu tive que fazer isso para te salvar. Perdoe-me por ter acabado com seu dia, mas acredite em mim... Foi para um bem maior.

— QUE TIPO DE "BEM MAIOR" É ESSE QUE VOCÊ PRECISA MATAR PESSOAS? - gritou Diana, indignada - POR QUÊ VOCÊ FEZ ISSO? E... E por quê ele te chamou de anjo? Como você pulou tão alto? Como é que é tão rápido? Eu quero explicações. Agora.

— Eu explicarei tudo, mas no caminho. Vamos ver como estão as outras meninas.

Diana estava tão nervosa que se esqueceu até mesmo de Alex... "Droga, se tiver acontecido algo com a Alex..." pensava Diana, mas quando chegaram lá, não tinha ninguém. Diana se desesperou e procurou por qualquer coisa que pudesse ajudá-la a encontrar sua amiga, mas tudo o que achou foi uma presilha de cabelo em forma de borboleta que sua amiga costumava usar.

— Era a presilha favorita dela... A Alex nunca saía pra lugar nenhum sem isso...

— Eu sinto muito... Venha comigo. Eu ajudo você a procurar por ela, mas vou te ajudar e te ensinar algumas coisas pelo caminho, tudo bem?

— Me ajuda mesmo a achar minha amiga? - disse Diana, olhando nos olhos de Esteroth - Muito obrigada... E que tipo de coisas são essas que você quer me ensinar? - perguntou Diana com desconfiança.

— Vou te ensinar a se proteger, mas falaremos sobre isso no caminho. Este lugar não é seguro. - e ele a deu seu sobretudo — Vamos para um lugar seguro primeiro, tudo bem?

Ao saírem de lá, Diana viu que a cidade estava cada vez pior, até mesmo o estádio onde estava acontecendo uma luta importante parecia estar um caos. E foi seguindo Esteroth pela rua, que estava parcialmente destruída.

Capítulo 5 : Caos na Luta Principal

— Ei, eu tava lutando nesse estádio! - exclamou Don — A minha era a principal, não sabia que era importante. - disse ele, fazendo cara de confuso.

— Contra quem vc tava lutando? - perguntou Boris.

— Descubra pela história maninho. - riu Don.

Naquele estádio, foi colocado um octógono no centro do campo e colocaram mais arquibancadas para que o público pudesse assistir. A violência melhorava os ânimos das pessoas que lutavam na guerra. Aquela luta era importante pois alguns dos nomes mais importantes de todos os países estavam apostando naquele embate. Valores que não eram simplesmente monetários. Aquele estádio onde a luta ia acontecer era muito seguro. Não eram permitidos quaisquer tipos de armas ou materiais que pudessem ser usados como armas. Todos eram revistados, passavam por detectores de metais e por máquinas de raio x só para garantir que não levavam nada que pudesse ferir. Nem mesmo o uso de luvas e roupas muito compridas era permitido. O octógono foi colocado no centro do estádio e as arquibancadas automatizadas foram colocadas e aumentadas em volta dele. Quando todos já estavam lá, o teto do estádio se fechou, deixando todos na mais completa escuridão. Dez segundos depois, uma única luz se acendeu no centro do octógono e um homem mediano, branco de cabelos grisalhos e de meia idade apareceu segurando um microfone.

— Boa noite... - começou ele — Vocês estão prontos para a luta de hoje?

E então o público começou a gritar freneticamente, gritando os nomes dos lutadores.

— Vocês não parecem muito animados hoje. - riu o apresentador — Eu perguntei, vocês estão prontos para a luta de hoje? - e colocou a mão em concha no ouvido, como se quisesse escutar um som que estava baixo.

Então, a multidão começou a gritar e a pular sem saírem dos seus lugares, gritando ainda mais alto os nomes dos lutadores daquela noite e isso pareceu agradar o apresentador, que continuou :

— Então já que estão preparados.... IIIIIIIIIT'S TIIIIIIIME!!!! - e a multidão foi ao delírio — No canto direito, pesando 70kg e com 1,86 de altura, o atual campeão : Kenny Destruidor Strasse! - e metade do público gritou por ele, incentivando o lutador que dava uma volta no octógono — E agora, do meu lado esquerdo, o desafiante! Pesando 68,5kg e com 1,80 de altura : Don Dragão Branco Bardi! - gritos de apoio e vaias surgiram da multidão, mas Don não se abateu. - Agora, venham até o centro do ringue para ouvirem as regras. - disse o apresentador.

Don conhecia as regras e ficou observando atentamente seu adversário, que exibia um sorriso cínico como se já tivesse ganhando. Após ouvirem as regras, os lutadores se cumprimentaram e se afastaram e a luta começou. Kenny era muito rápido e Don teve dificuldade para se desviar de alguns de seus golpes, mas jogou na defensiva até encontrar uma brecha e quando a conseguiu, desferiu um soco certeiro no rosto de Kenny, que se desequilibrou e abaixou a guarda. “Minha chance!” pensou Don, que jogou Kenny no chão com um arm lock bem encaixado, mas seu adversário conseguiu se soltar e, mesmo com o supercílio sangrando, voltou a desferir golpes em Don, que agora conseguia desviar com mais facilidade e revidava alguns deles. Neste round, Don ainda conseguiu dar uma chave de perna em Kenny, que foi salvo pelo gongo. Don estava tão concentrado na luta que mal ouviu as dicas de seu treinador,

ficou apenas encarando seu oponente, que estava com o supercílio e a boca sangrando. “Eu achei que ele seria mais difícil... Não usei nem minha força toda...”, mas no segundo round, Kenny parecia ter ficado mais forte e mais rápido e conseguia acertar os golpes mais facilmente, e com um soco certeiro ele conseguiu deixar a visão de Don embaçada por alguns instantes, tempo suficiente para dar uma chave de braço em Don, que demorou para sair dessa, mas saiu na ofensiva e a luta estava cada vez mais emocionante, o nariz de Don sangrava, seu olho esquerdo estava inchado, o supercílio estava sangrando e seu adversário estava em situação parecida, com o sangue escorrendo e manchando o chão do octógono. Só no fim do terceiro round que o caos começou. Alguém começou a atirar do lado de fora e entraram no estádio portando fuzis, e a luta foi interrompida pela multidão que tentava fugir ou arrumar um lugar para se proteger. Os seguranças então foram lutar contra os invasores, que estavam matando quem passasse na sua frete.

— Don. - disse Kenny, para surpresa de Don — Precisamos sair daqui, essa luta não importa mais, ou salvamos nossas vidas ou morremos, o que você prefere?

— Prefiro viver, mas preciso da grana dessa luta cara... - disse Don, com a mão no ombro que começava a latejar — Você entende isso, não é?

— Pode ficar com a grana cara, eu não ligo pra isso, só quero viver. Vamos, continuamos a luta depois.

Cada lutador foi para o seu lado, para proteger a sua vida, mas foram encurralados no ringue e começaram a lutar contra os caras que invadiam a arena. Eles colocaram os socos ingleses que traziam no casaco e começaram a tentar bater nos lutadores, que desviavam e os acertavam com velocidade, mesmo estando cansados da luta. Mas esses caras pareciam imparáveis, então Don e Kenny começaram a lutar com tudo o que tinham e desmaiavam um atrás do outro. De repente, todos pararam pois uma voz soou no microfone.

— É assim que que você cumpre o acordo, Demendil? Entrando aqui e matando inocentes?

Então um homem subiu no octógono, pegou um microfone e começou a falar.

— Sim, pois estes lutadores e esse estádio agora são meus. Nada mais de entreter as pessoas com estas lutas falsas, agora vai ser luta até a morte pela sobrevivência e estes dois vão começar isso. O prêmio em dinheiro vai ser mais do que o triplo do que você paga, Anderin.

E então, o homem que primeiro falou apareceu. Ele estava trajando um terno preto com detalhes dourados e parecia estar muito irritado com aquilo tudo.

— Demendil, seu demônio vil, não tomarás este lugar para si. Eu o deixei viver antes, mas agora não terei piedade. - disse calmamente Anderin.

— Veremos quem vai morrer. - disse Demendil — Kenny, Don, o que vocês preferem? Lutar com seriedade até o fim de suas vidas para ganhar rios de dinheiro? Ou simplesmente ficarem se batendo para conseguir esse “prêmio” que ele oferece?

Don olhou para Kenny, para as pessoas caídas no chão e para as pessoas que morreram no estádio e tomou sua decisão.

— Eu lutarei... De forma limpa e justa, não matarei ninguém numa luta só para sua diversão, seu demente estúpido! - e cuspiu no chão, aos pés de Demendil.

— Eu tô com ele. - disse Kenny — Não virei lutador para matar as pessoas.

— Muito bem, então. - disse Demendil — Vocês vão morrer aqui. - então ele sacou um revólver e apontou para os lutadores.

— Eu abaixaria essa arma. - disse Anderin — Ou você vai ficar espalhado no chão deste lugar antes mesmo de terminar de puxar o gatilho. - disse ele, apontando uma metralhadora semelhante às aquelas que são colocadas nos helicópteros.

— Aprendeu a transmutar sua espada em uma arma moderna? Meus parabéns. Mas vamos ver qual de nós é mais rápido.

Nisso, ele atirou em Kenny que foi empurrado pra longe e salvo por Don. Anderin então disse que não teria piedade desta vez e atirou sem misericórdia em Demendil, que ficou parecendo um queijo suíço de tantos buracos que ficaram nele. Don foi ver como Kenny estava e ele tinha deslocado o ombro na queda. Anderin prestou socorro e Don não viu o que aconteceu com aquela arma, ele só queria voltar para casa e encontrar Anna, que a essas horas já estava em casa. Anderin olhou para Don e começou a falar.

— Você não pode voltar para casa. Eles tem algum interesse em você, além de sua força, além de suas habilidades de luta... Se você for para casa agora, só estará colocando a vida dela em risco. Venham comigo para a minha base. Lá vocês receberão cuidados médicos e serão alimentados e treinados. Infelizmente, vocês agora fazem parte desta guerra. O que vocês querem fazer? Ir comigo, ou correr um perigo ainda maior?

Don e Kenny se entreolharam e Kenny decidiu que não queria morrer daquele jeito, então iria com Anderin. Don ainda pensou um pouco. Ele não queria abandonar sua amiga Anna, mas também não queria fazer ela correr riscos só por sua causa. Ele pensou um pouco sobre isso e decidiu que se fosse melhor para ela, ele iria procurá-la quando pudesse defender ela desses caras. E então, aceitou a proposta de Anderin, que os levou de carro até uma base militar perto de uma faculdade.

Capítulo 6 : Fogo Branco

— Faculdade perto de uma base militar... Anjo idiota... - disse Luna, ainda dormindo.

— Na boa, eu adoro isso nela, dorme e sabe o que tá acontecendo. - disse Boris, olhando admirado para Luna, que se virou para seu lado e balbuciou algo que ninguém entendeu e Boris se sentou mais perto do sofá onde ela estava.

Luna estava cansada, mas se recusava a sair do bunker secreto que ela achou enquanto explorava a faculdade. Lá, ela estava desenvolvendo o projeto que sempre quis fazer desde que era pequena : um motor propulsor de hiper espaço. Agora, já estava perto de acabar e por isso estava a duas semanas sem sair do bunker. “Só mais algumas horas e toda a parte teórica vai estar pronta e eu começo a montar o protótipo.” pensava ela, enquanto terminava o cálculo para determinar que tipo de material seria resistente o suficiente para aguentar a dobra espacial que seria causada pela energia liberada durante a hiper propulsão, e como utilizar essa energia para alimentar o motor secundário da nave, que garantiria a oxigenação e pressurização interna da nave durante a propulsão. Após uma hora e meia, ela parou para pegar uma xícara de café que tinha colocado no microondas e que já estava frio. Ela programou o microondas para um minuto, tempo suficiente de se esticar para mandar o cansaço embora e repensar os cálculos que ainda iria ter que fazer. “É trabalhoso... MMas estou quase lá! Só preciso de mais uma hora.” e o microondas apitou, avisando que seu café estava quente. Ela bebeu e se sentiu completamente revigorada, então voltou aos cálculos. Exatamente uma hora depois, ela terminou toda a parte teórica necessária e foi dormir no colchão que tinha levado pra lá.

— Amanhã... - bocejou Luna — Eu começo a fazer o protótipo... Só vou precisar de um pouco de tempo pra juntar os materiais certos...

E então dormiu. Dormiu por um dia inteiro, ela estava realmente cansada pois não dormia havia uma semana inteira. Ela estava tão focada no trabalho que as vezes esquecia até mesmo de comer, mas isso para ela era um esforço mínimo a se fazer para conseguir realizar o seu sonho. Quando se acordou, duas pessoas estavam de pé, conversando perto da mesa onde suas pesquisas estavam.

— Lin, não faz isso por favor, essa humana se esforçou muito pra conseguir tudo isso, você não pode simplesmente chegar aqui e acabar com tudo...

— Fique quieta Andrea. Para um demônio, você está muito estranha. Defendendo uma humana que está fazendo uma coisa que será ruim para eles mesmos.

— Mas Linvor, você não sabe se isso será ruim para os humanos... Eles estão destruindo esse planeta e essa guerra está terminando de consumir isso tudo pelo caos, deixe as pesquisas

dela aí, se ela conseguir realmente construir esse motor, a raça humana ainda vai poder existir e é isso que importa...

— Quem são vocês e o que fazem aqui? - perguntou Luna, pegando uma faca discretamente.

— Andrea, você não pode me pedir para deixar ela continuar com isso. - falou Linvor, ignorando completamente a pergunta de Luna — Isso é potencialmente destrutivo e os humanos vão usar isso em guerras futuramente.

— E daí? - disse Andrea — Os humanos já fizeram muita coisa que foi usada em guerras e que depois foi usada para parar as guerras, você estava em muitas delas e eu também. Pare com isso e deixe as pesquisas e ela em paz... Por favor...

— LINVOR E ANDREA! - gritou Luna, chamando a atenção deles — Por favor, podem me explicar o que tá rolando aqui?

— Ele quer destruir sua pesquisa, mas eu acho muito interessante e não quero que ele faça isso. - Disse Andrea.

— Isso é um perigo para você e para a raça humana, precisa ser destruído. - disse Linvor.

— Oxente! Quer dizer que eu não posso fazer o motor que é o sonho da minha vida e que pode levar o que sobrar da humanidade pra uma viagem interestelar em busca de um planeta que dê pra a gente viver? Isso é tão ruim assim bixinho?

— Eu não posso permitir que você construa uma máquina que possa dizimar a humanidade. - respondeu Linvor, calmamente.

Nesse instante, ele apontou a mão para a pesquisa de Luna e ela começou a arder chamadas brancas. Luna ficou abismada. Nunca imaginou que alguém invadiria o seu bunker e destruísse sua pesquisa. Quando o choque passou, ela atacou Linvor com a faca.

— Seu idiota! Esse era o trabalho da minha vida! - disse ela pulando com a faca em direção a ele, que a desarmou e a empurrou em cima de Andrea.

Luna então correu em direção a ele, se desviou do empurrão que ele ia dar nela e o acertou no queixo com um rabo de arraia bem dado, que por um momento fez Linvor recuar uns passos. Ela então pegou os materiais que estavam em cima da mesa e começou a jogar nele, que simplesmente quebrava os objetos com a mão e então ela abriu uma gaveta e jogou um frasco com um líquido avermelhado na cara dele, que apenas segurou o frasco e o quebrou nas mãos. “Péssima escolha” disse Luna, e as mãos de Linvor começaram a queimar em chamadas brancas e a derreterem lentamente.

— Isso é um ácido especial que eu desenvolvi, seu imbecil! Ele pode derreter até diamantes, e as chamas se aquecem até 6000° celsius. Agora você está vendo como é bom ter o ver algo importante pra você queimar!

— Ora sua...

— Linvor, se você tentar matar essa garota, eu mato você. - disse Andrea, sacando sua besta
— Você sabe que isso aqui pode ferir você e que eu tenho uma mira ótima. Fuja ou morra.

Linvor olhou para suas mãos, que nada mais eram do que apenas ossos ardentes e então avançou em Luna, que se esquivou e o deu um chute bem entre as pernas, o que o fez ajoelhar-se e então Andrea pediu desculpas a ele e atirou uma flecha bem no meio da sua testa. Luna ainda estava chutando o corpo morto de Linvor enquanto gritava com ele, então Andrea se aproximou e abraçou Luna que se acalmou e começou a chorar. Andrea a consolou, dizendo que ia ficar tudo bem, que ela poderia fazer tudo de novo, que ela era capaz, mas Luna não parava de chorar. Depois de tanto esforço, depois de tanto sacrifício, tudo pelo que ela lutou se desfez em cinzas na sua frente... Ela então se levantou e abriu uma porta secreta atrás de uma estante e voltou de lá com uma garrafa e dois copos.

— Isso... - disse ela soluçando — É da minha... Da minha terra... Peguei pra ficar só... De lembrança... Se chama Pitu... Quer... Quer um pouco? - e estendeu um copo para Andrea - Você parecia... Gostar dele...

— Eu gostava... - disse Andrea, pegando o copo — Espero que seja forte, preciso esquecer que isso aconteceu...

Luna encheu os dois copos e as duas beberam, Andrea fazendo careta e Luna soltando um suspiro. Elas conversaram sobre tudo o que fizeram até chegarem ali. Luna achou que a bebida estava fazendo um efeito estranho em Andrea, pois ela falava de guerras muito antigas que lutou ao lado de Linvor, mas Luna respeitou o luto dela e tentou consolá-la. Quando a garrafa acabou, Andrea propôs a Luna que ela fosse ajudar no centro de pesquisas e desenvolvimento no lado dela da guerra, e Luna aceitou. “Pelo menos eu posso continuar a trabalhar em algo útil pra acabar rápido com essa droga de guerra...” pensou ela, e saíram do bunker com algumas coisas de Luna e foram para o centro de pesquisas e desenvolvimento, que se encontrava a 20km da estátua da liberdade. Luna logo se instalou e foi dormir, tentando esquecer o dia que teve. “Talvez quando eu acordar, isso tudo tenha sido só um sonho ruim...” pensou antes de dormir por mais um dia.

Capítulo 7 : Proteção e Máquinas

— Eu trabalhava umas quadras depois da estátua da liberdade... - disse Boris, soando não muito confiante.

— O que houve Boris? - perguntou Luna, acordando — Você não parece muito bem... Me dá o remédio pra dor de cabeça por favor? - disse ela com as duas mãos na cabeça.

— Aqui está. - disse Boris entregando o remédio a ela.

— Obrigado bonitinho. - disse Luna pegando o remédio.

— Boris, pause a máquina, tem alguém entrando aqui e com uma cara nada legal. - disse Diana, que estava olhando as imagens das câmeras de segurança.

Boris pausou a máquina e todos ficaram em silêncio, observando. Um homem chegou lá e começou a gritar por socorro, dizendo que estava a dias sem comer nem beber, que estava sendo perseguido e queria ajuda. Eles se entre olharam por alguns instantes e Rex e Jonas foram ver quem era o homem. Saíram de lá empunhando as armas e mandaram o homem se identificar, largar as armas e dizer do quê estava fugindo.

— Eu estou desarmado. - disse o homem com um forte sotaque alemão — Me chamo Adolf Herzegovich e estou fugindo de uma mulher... Me ajudem por favor!

— Mãos na cabeça, se deite no chão bem devagar e iremos revistar você. - disse Jonas — Não leve para o lado pessoal, é só pra garantir a nossa segurança.

O homem colocou as mãos na cabeça, se deitou no chão e suplicou que o ajudassem, pois não aguentava mais fugir daquela mulher maluca e estava morrendo de fome e sede. Ele realmente estava desarmado e estava com alguns cortes sangrando e com hematomas pelos braços, o que fez Jonas pensar que se ele estaria com algum machucado grave. De repente, ouviram uma risada aguda e sinistra que vinha do lado de fora. Adolf suplicou que o protegessem pois não queria morrer ali... Então Jonas o levou para dentro do galpão e mandou Don ficar de olho nele e chamou Luna e Diana para ajudar. Os quatro se posicionaram ficaram observando o que entraria ali atrás daquele homem. Alguns segundos de tensão depois, ouviram novamente a risada, mas dessa vez a dona da risada começou a cantarolar.

— Adolf, meu querido! Onde você se escondeu? Apareça por favor, quero comer sua carne, você é meu! - e gargalhou novamente.

Trinta segundos depois, apareceu uma mulher na porta do galpão. Ela estava com um vestido branco salpicado de um vermelho sangue, e tinha um braço e uma perna mecânica.

— Vocês viram um alemãozinho por aqui? - perguntou ela com uma voz magoada — Ele não quer deixar eu comer a carne dele...

— Diga quem é você, o que você é e por quê quer matar esse cara que não fazemos ideia de onde esteja ou eu atiro na sua cabeça. - disse Diana.

— Meu nome é Adalinne, sou uma humana, transformada em uma unidade de combate especializada em caçar e matar. Eu amo o Adolf, vocês podem entregar ele pra mim pra eu poder matá-lo bem devagar e comer a carne dele?

E então, Diana atirou na cabeça dela, mas a Adalinne pareceu nem sentir a bala. Ela simplesmente continuou a andar, enquanto Rex e Jonas atiravam nas costas dela, mas ela ignorou completamente. Luna então jogou água nela e ela começou a sobrecarregar e a correr desgovernadamente pelo galpão. Todos então começaram a atirar nela, mas os tiros ricocheteavam para todos os lados, então eles pararam e Don apareceu socando o rosto dela tão forte que a cabeça se soltou e voou galpão afora. O corpo continuou a se mover pelo galpão por alguns segundos antes de cair. Todos então chamaram Boris e Adolf.

— Borisinho, tu sabe o que é isso aqui? - perguntou Luna — Eu nunca tinha visto uma coisa dessas, o que você acha que isso pode ser? - ela então olhou para Adolf e perguntou — E você seu cabra? Como achou a gente e por quê ela queria comer sua carne?

Boris ficou calado, observando a máquina sem cabeça, se abaixou e começou a mexer nela, como se estivesse procurando alguma coisa. Adolf agradeceu por salvarem a vida dele e começou a se explicar.

— Como já disse anteriormente, meu nome é Adolf Herzegovich, sou alemão como já devem ter notado. Essa vadia mecânica começou a me seguir depois que eu briguei em um bar quando esta droga de guerra começou. Ela é louca! E eu não achei que fosse um robô. De onde eu venho, tem muitas mulheres com braços ou pernas mecânicas. E eu não sabia que tinha gente aqui. Apenas vi a luz acesa e implorei por socorro. Foi muita sorte vocês estarem aqui para me ajudar. Eu lhes agradeço.

E terminando de dizer isso, ele desmaiou. Todos então olharam para Boris, que tinha começado a arrancar partes daquela máquina e a testar o que acontecia quando ele mexia nos circuitos. Jonas e Diana perguntaram se ele estava bem e ele disse que estava precisando de umas peças. Ninguém entendeu o por quê até entrarem na sala de segurança, quando viram que alguns dos tiros ricocheteados acertaram a máquina que ele tinha consertado. Todos pediram desculpas e perguntaram como poderiam ajudar e ele disse que queria que Luna ajudasse ele a testar a máquina caída e que os outros ajudassem o carinha que ficou desmaiado. Don carregou Adolf pra dentro, enquanto Diana ficava de olho na câmera de segurança e Rex andava pelo galpão. Jonas começou a tratar os ferimentos de Adolf e Boris e Luna voltaram com algumas partes da outra máquina para consertar a que estava ali dentro.

Capítulo 8 : Consertos

Depois de algumas horas, Rex entrou na sala e jogou água gelada na cara de Adolf, que quase acertou Jonas quando se levantou. Ele olhou para todos e pediu perdão mais uma vez por ter sido inconveniente. Boris disse pra ele não se preocupar, afinal os humanos tem que se ajudar pra conseguir sobreviver. Ele então consertou a máquina e ela novamente escaneou o lugar, o que fez Adolf pular para o outro lado da sala.

— Relaxa Hitler, ela não vai te machucar. - disse Boris.

— Meu nome não é Hitler, meu nome é...

— Adolf Herzegovich, 35 anos, 1,93 de altura, branco, cabelos louros e olhos azuis. Nascido em Berlim. Teve uma infância difícil por ser alto e magro, mas aos dezesseis anos entrou para as forças especiais alemãs, e alcançou uma alta patente em dois anos. Aos vinte, entrou para uma agência secreta e se tornou espião, mas abandonou o trabalho por achar que sua mulher e filho correriam riscos. Veio para a América começar uma nova vida e foi contratado pelo FBI. Estava num caso quando a guerra começou. Não encontrou sua família quando voltou para casa e não escolheu lado nenhum na guerra. Atualmente está à procura de sua esposa e filho.

— O que raios é essa máquina? - perguntou Adolf.

— Não sabemos. - respondeu Don — O Boris consertou e ela até agora vem dizendo nossa história. Senta aí e come esse sanduíche, depois veremos o que você vai fazer.

— Continuar função primária. - disse Boris, que agora estava sentado no sofá com Luna.

Boris estava tentando terminar de reparar aquele motor. Não era a primeira vez que tinha mexido com o motor de um tanque, mas era a primeira vez que alguém chegava na oficina pedindo pra consertar o motor de um tanque. O motor estava em péssimas condições, parecia até que tinham usado ele pra limpar um estábulo. Boris já estava quase terminando de consertar o motor quando um homem entrou na oficina, se sentou e começou a observar. Boris achou aquilo muito estranho, mas não se importou e continuou a consertar o motor. Quando terminou e colocou o motor de volta no lugar, o homem disse que ele precisava soldar o cano do canhão principal do tanque, pois estava meio rachado. Boris então pegou a solda e sentou no andaime e começou a puxar a corda para subir e verificar, e para a surpresa dele, realmente tinha uma rachadura ali. “Que estranho... Eu não vi essa rachadura quando eu inspecionei o tanque... Devo estar ficando com problema de vista...” pensou ele. Não demorou nem dois minutos e Boris já tinha consertado a rachadura, mas quando colocou a solda mais para o lado, sem querer ele queimou uma das cordas do andaime e a calça dele ficou presa na lateral do tanque. Pendurado de cabeça pra baixo, ele procurou o homem que tinha falado sobre a rachadura pra pedir ajuda mas ele não estava mais lá. Nisso, chegou o dono da oficina, um senhor gordo de meia idade com graxa no macacão e comendo um cachorro quente.

— Boris seu maluco! Como conseguiu se pendurar aí?

— Fui consertar uma rachadura no tanque com a solda e sem querer soldei a corda... me ajuda a descer por favor?

— Claro, deixa só eu terminar o cachorro quente.

— Sério que o cachorro quente é mais importante do que eu chefe? Ah! O senhor viu um cara saindo da oficina quando o senhor chegou?

— Minha fome é mais importante que você e não, não vi ninguém. Eu deveria?

— Bem, ele entrou aqui, se sentou ali naquela cadeira, ficou observando eu trabalhar e me avisou da rachadura, então eu acho que sim... Me tira logo daqui por favor, tô ficando meio enjoado...

— Boris, você não almoçou consertando esse motor, não foi?

— Err... almocei, claro que eu almocei, por quê eu não teria almoçado?

— Tudo bem, acabei o cachorro quente, vou te descer daí e você vai almoçar. Não pode desmaiar de fome de novo trabalhando. Você não é uma máquina sabia?

Demorou quase três minutos pra o chefe conseguir soltar a perna dele, mas quando soltou, Boris caiu feio no chão, mas se levantou dizendo que estava tudo bem e que agora iria comer. O chefe dele baixou a porta da oficina e levou ele pra comer pois Boris quase sempre comia salada.

— Salada é comida de coelho. Você tem que comer carne pra ficar forte e aguentar mais tempo no trabalho. Deve ser de tanto comer salada que você é pálido desse jeito.

— Chefe, eu sou albino, não estou pálido...

— Você diz isso, eu digo que precisa comer mais pra ganhar cor. Vamos, eu pago o seu almoço se você comer pelo menos 1kg no self service. Ecom pouca ou nenhuma salada.

— E se eu não conseguir comer 1kg?

— Aí você trabalha de graça por quinze dias. Fechado?

— Fechado.

No self service, Boris conversava com o patrão enquanto comia 1,5kg de comida sem salada, e quando terminou ainda pediu sobremesa. O chefe riu dizendo que não sabia pra onde ia tanta comida, mas pagou tudo e voltaram pra oficina. Chegando lá, o homem que tinha ido lá antes estava na frente da oficina, e o chefe disse que ele se chamava Tony e era o dono do tanque.

— Desculpe ter saído logo, tive que resolver uns problemas na empresa mas voltei e quero ver o meu tanque. E você, mecânico mais branco do mundo? Como se chama?

— Me chamo Boris, senhor. E é melhor não olhar muito diretamente pra mim pra não doer a vista...

Todos riram disfarçadamente e o chefe levantou a porta da oficina, e para a surpresa de Boris, já tinha uma pessoa lá dentro apontando uma arma para eles. Esse cara deu um tiro na barriga do patrão, que caiu assustado e Boris gritou e se afastou.

— Não se preocupe. - disse o atirador — Ele só está inconsciente, foi um dardo tranqüilizante. Agora não se mexa, não grite e não faça perguntas. Senhor Tony, o que faço com ele?

— Amarre, amordace, coloque um saco na cabeça e jogue ele dentro do tanque. Vamos fazer um passeio Boris.

Depois de estar devidamente amarrado, amordaçado e sem ver nada por causa do saco e com dores nas costelas por ter caído de lado dentro do tanque, ele foi levado por mais ou menos uma hora, ouvindo tiros e explosões na rua. “Eu disse pra ele fechar a oficina, mas não. ‘Temos que lucrar fazendo consertos Boris, não é uma guerrinha que vai nos atrapalhar’. Tô vendo chefe, tô vendo”. Quando o tanque parou, ele foi jogado pra fora, tiraram o saco da cabeça dele e o soltaram. Ele não sabia onde estava, mas tinham várias máquinas quebradas ali.

— Sinto muito pelo jeito brutal como te recrutamos Boris. - disse Tony, saindo do tanque — Mas eu precisava de alguém com os seus talentos. Fique a vontade para consertar tudo isso e se precisar de alguma peça, é só falar com ele. - disse ele apontando para o atirador — Fique a vontade.

E dizendo isso, ele saiu. Boris ficou encarando o homem que atirou no seu chefe por um bom tempo e resolveu conversar antes de começar os consertos.

— Oi cara, qual o seu nome?

— Não é da sua conta.

— Vou te chamar de Tobias. Você tem cara de Tobias.

— Me chame de Tobias mais uma vez e você vai ver o que é bom pra tosse.

— Bom pra tosse? Eu nunca fiquei gripado Tobias, mas eu acho que xarope é bom pra tosse... Ei Tobias, vai com calma, abaixa essa arma! Se eu morrer quem vai consertar isso tudo? Pelo jeito que me sequestraram, pareciam estar desesperados por ajuda. Olha, eu vou começar a consertar se eu precisar de ajuda eu te chamo Tobias.

“Tobias” bufou e se sentou numa cadeira que estava encostada na parede. Boris começou a mexer nas máquinas pra ver o que elas faziam, testando os circuitos e vendo os problemas que elas tinham pra começar a consertar. “Caramba, vou passar um tempão aqui... Ainda bem que comi bastante” pensou Boris. Ele então começou a pegar as ferramentas que ia usar e foi colocando no cinto. Pelas contas dele, tinham aproximadamente setenta máquinas pra consertar, a maioria com os mesmos defeitos e umas dez ou doze com peças desnecessárias que acabaram fazendo elas quebrarem. Boris consertou uma a uma e pediu a Tobias pra arranjar saco grande e resistente, de preferência de malha ou couro pra ele guardar as partes extras. “Talvez eu consiga construir alguma coisa com essas peças extras no meu tempo livre”, pensava ele. Quando terminou os consertos, ele pediu pra programar as máquinas pra elas dançarem Y.M.C.A., mas o que conseguiu foi um dardo tranquilizante. Quando acordou, estava de volta à oficina, com o saco cheio de peças ao seu lado e um bilhete que dizia :

“Agradeço a sua ajuda e peço desculpas pelo Tobias, já que você gosta de chamar ele assim. Nos veremos novamente.

De seu amigo, Tony”

Boris se levantou e subiu para a parte de cima da oficina pra dormir. “Que grande dia esse...” pensou ele “Pelo menos tenho umas pecinhas pra fazer um robô dançando Y.M.C.A.!", e dormiu rindo dessa ideia.

Capítulo 9 : Invasão, Sequestro e Perseguição

— Boris, você sabe quem é esse Tony? - perguntou Diana.

— Não, mas ele me sequestrou várias vezes junto com o Tobias.

— Pense num povinho pra quebrar máquina viu. - disse Luna — Parece até que fazia de propósito.

— Luna, você também trabalhou com máquinas? - perguntou Don.

— Um pouquinho, mas eu não era sequestrada por quê já estava de um lado e tal, aí eles faziam a segurança... Não entendi pq o Borisinho podia voltar pra oficina...

— Por quê tá todo mundo me olhando? Eu levei dardos tranquilizantes lembram? Não conseguiria saber o por quê nem se eu quisesse.

— Pessoal. - disse Rex, assustando mundo — Quem vai querer conversa com esses daqui? - disse ele apontando para um grupo de quatro pessoas armadas na parte de fora do galpão.

— Que tal irmos eu, a Diana, o Don e o Adolf? - perguntou Jonas.

— Por quê o Raça Ariana e não eu? - perguntou Boris.

— Por quê o Adolf é novo aqui, ele precisa se acostumar a falar com os outros pra tentar convencer que não somos maus, nem queremos briga, só queremos ajudar.

— Eu não sou muito bom em falar com as pessoas. - disse Adolf — É melhor esse cara pálido ir.

— Querem saber? Vamos só eu a Diana e o Don mesmo, fiquem conversando pra ver se vocês ficam amigos. - disse Jonas, se levantando e pegando sua arma.

— Eles invadiram. É melhor se prepararem pra qualquer coisa, isso vai ficar complicado. - disse Rex.

Alguns segundos depois de ele terminar, o vidro foi quebrado por uma bomba de gás lacrimogênio, fazendo todos saírem da sala apenas pra serem recebidos por uma granada de flash e uma bomba de fumaça logo em seguida. Cegos e tossindo, eles tentaram sair do alcance da fumaça às cegas e ouviram Boris gritando por socorro. Luna foi a primeira a seguir a voz dele e Adolf foi logo em seguida, já recuperando a visão. Ele viu Boris sendo jogado dentro de uma picape preta e voltou pra ajudar os outros enquanto Luna tentava fazer ligação direta em um carro que estava parado ali perto. Quando conseguiu, Adolf estava trazendo todos para dentro do carro e Luna arrancou estrada acima, como se já soubesse o caminho.

— Luna, pra onde estamos indo? E cadê o Rex? - perguntou Don.

— Tô aqui em cima! - gritou Rex, que estava em cima do carro como se estivesse surfando.

— Eu sei que carro é aquele, tenho certeza que é dos demônios que eu trabalhei junto com eles. - disse Luna, pisando fundo no acelerador — Eu peguei aqueles filhos de uma quenga!

Não muito tempo depois, eles encontraram o carro dos caras que sequestraram Boris e Luna não exitou em bater com o carro na lateral do deles. Um dos vidros abaixou e apareceu um

cara com uma arma, que foi abatido por Rex rapidamente e Adolf abriu a porta do carro ainda em movimento para pegar a arma do cara que Rex matou, mas não conseguiu e xingou sua sorte em alemão. Luna tentou ir para o lado direito do carro dos sequestradores, mas eles se desviavam para bloquear o caminho dela. Após algum tempo, um pouco da mala se abriu e foi despejado óleo na pista, o que fez todos pensarem que o carro ia capotar, mas Luna conseguiu manter o carro em equilíbrio mesmo andando em óleo e Bateu de novo na traseira do carro deles.

— DEVOLVAM O BORIS OU EU MATO VOCÊS! - gritou ela.

— NOSSO CHEFE VAI TE MATAR SE SOUBER QUE VOCÊ TÁ ATRAPALHANDO OS PLANOS DELE! - gritou um cara de dentro do outro carro.

— OS MORTOS NÃO CONTAM HISTÓRIAS. - gritou ela de volta e passou pro lado do carro deles — REX! PULA PRA LÁ, PESSOAL ME DÁ UMA ARMA!

Rex pulou em cima do carro deles e Luna começou a atirar pra quebrar os vidros e matar os caras no banco da frente, que estavam pegando as armas para revidar, mas ela os matou antes disso. Rex então entrou pela janela do carro e matou o cara que estava tentando segurar Boris enquanto o outro ia para a frente do carro pra ele não capotar. Rex parou o carro e abriu as portas sem dizer uma única palavra, como sempre fazia quando matava alguém. Luna saiu correndo do carro pra ver como Boris estava, e para sua surpresa, ele estava bem calmo, mas ainda amordaçado. Ela tirou a mordaça dele, o desamarrou e o abraçou com tanta força que os braços dele ficaram vermelhos.

— Boris, por quê você não usou a faca que eu te dei? - disse ela dando um soco nele — Você me deixou muito preocupada!

— Eu estava amarrado! Não tinha como sacar a faca... Desculpa eu ter sido raptado contra minha vontade enquanto eu estava cego e sem ar...

— Luna... - disse uma voz seguida de uma tosse — O chefe não vai gostar de saber disso. Você está traindo ele andando com esses caras e agora faz isso? Como você acha que ele vai ficar?

— Desse jeito. - e ela puxou a faca do cinto de Boris e cravou no crânio do cara.

Todos ficaram emudecidos com o que ela tinha feito, mas preferiram não interferir nem comentar nada. Todos ali (menos o Adolf) sabiam o que tinha acontecido com ela então resolveram deixar pra lá. Eles jogaram os corpos pra fora do carro e voltaram pro galpão. Chegando lá, o galpão estava semi-destruído e a máquina estava desmontada. Boris ficou muito irritado com tudo isso, reclamando que quando uma coisa ruim acontece, tem que

acontecer tudo no mesmo dia, mas logo ele se acalmou, pegou as peças do robô e disse que agora que tinham sido descobertos, eles precisavam achar um lugar seguro.

— Mais seguro que um galpão? Onde acharíamos um lugar assim? - perguntou Adolf com desdém — Tenho certeza que a culpa é dessa máquina.

— Olha Hitler, fica na sua ok? Eu vou consertar esse robô e se você quiser continuar nessa equipe é melhor se acostumar. Todo mundo me persegue pra consertar as coisas, pra ganharem tempo na guerra usando máquinas assassinas e se eu não consertar, eles provavelmente vão pra coisas piores, mas essas máquinas até agora só mataram humanos. Não quero mais consertar nada pra matar. Quer continuar conosco ou vai sozinho se encontrar com outra garota mecânica psicótica canibal assassina?

Adolf falou alguma coisa em alemão e depois disse que continuaria com eles, pelo menos até encontrar a sua esposa. Diana, Jonas, Boris e Luna foram em um carro e Adolf, Don e Rex foram no outro. Após algum tempo, Diana se virou para olhar Boris e Luna e perguntou se Boris sabia que o Adolf tinha dito “albino idiota miserável, pare de me chamar assim ou você vai se arrepender” naquela hora que ele falou em alemão. Todos no carro começaram a desconfiar que Adolf na verdade trabalhava com aqueles caras, mas preferiram não demonstrar isso.

— Na boa Diana, além de linda você ainda sabe várias línguas, você é de mais! - exclamou Jonas.

— E o que você esperava da miss... copa?

— Miss copa??? - perguntaram todos ao mesmo tempo.

— Como é copa ao contrário? - perguntou Boris.

— Apoc... Boris, eu já disse pra não me chamar mais disso! - e deu um peteleco no meio da testa dele.

— Au... Isso dói maninha, qualé! - disse ele protegendo a testa — Agora vou ficar parecendo um unicórnio albino.

Todos riram disso e continuaram dirigindo pela estrada, à procura de um lugar seguro.

Capítulo 10 : Conversas à Noite

Cansados e com fome, eles pararam em uma casa que parecia abandonada para descansar antes de voltar à estrada, mas tinha um casal morando lá. Eles se explicaram dizendo que

estavam procurando humanos ainda vivos para ajudarem e que não iam fazer nenhum mal a menos que eles tentassem fazer alguma coisa estúpida.

— Como o quê, por exemplo? - perguntou a mulher, ainda apontando sua espingarda para eles.

— Como abrir um buraco em algum de nós com isso daí, moça... - respondeu Boris, que estava mais atrás do grupo.

— Essa voz... Boris? - perguntou o homem.

— Josh? Josh! E aí cara, a quanto tempo! - disse ele, abrindo caminho entre o grupo para ver melhor o homem — Abaixa a sua arma cara, não quero virar uma peneira hoje!

— Vem cá seu grande idiota! - e Josh usou o braço pra prender o pescoço de Boris e a outra mão em punho pra esfregar a cabeça dele — O que aconteceu com você, Zé branquelo?

— Eu falo assim que parar com isso! Tá doendo cara!

Todos baixaram as armas e entraram, Boris então começou a explicar pros seus amigos que Josh era um cliente da oficina antes da guerra começar e que sempre foi assim com ele, como se já se conhecessem a bastante tempo.

— O Boris ficava dizendo que eu me parecia com aquele guitarrista... Como era mesmo o nome dele? Slash? Ele até comprou uma cartola e óculos escuros pra mim e deixou no banco de trás do carro com um bilhete que dizia “agora é só achar alguém que pareça o Axl e o Guns’n’Roses volta com tudo! ”.

— Você tem que admitir que é parecido cara, até guitarra você toca! Aliás, cadê sua guitarra? - perguntou Boris olhando ao redor — Toca welcome to the jungle por favor!

— Boris, ele teve que trocar a guitarra por armas e munição quando a guerra começou... - disse a mulher, que até agora só tinha dado risada com os visitantes — Infelizmente não vai dar pra ele tocar nada...

— Tudo bem Yoko, assim que isso acabar eu compro outra guitarra. - disse Josh.

— Pessoal, desculpem me intrometer na conversa de vocês, mas... podemos ficar aqui essa noite? Nós podemos vigiar a casa de vocês e vamos embora amanhã de manhã. - disse Boris.

— Tudo bem, tudo bem, mas não temos comida suficiente pra alimentar todos vocês. - disse Yoko.

— Sem problemas, nós temos alguns mantimentos ainda e amanhã vamos procurar mais. Vocês por acaso me deixam ficar com o porão? - perguntou Boris como se isso fosse completamente normal.

— Boris, por quê você quer ficar no porão? - perguntou Josh.

— Quero fazer uns consertos em uma máquina que achei e no porão fica melhor que é mais espaçoso... Posso? Prometo que não toco em nada lá em baixo.

— Boris e seus consertos mirabolantes, contanto que essa máquina não nos mate, pode ficar lá em baixo. O resto de vocês, me sigam e eu vou mostrar onde vão ficar. Creio que temos camas suficientes pra todos. - disse Yoko.

— Don, sei que é pedir muito mas você pode me dar uma mãozinha com a máquina?

Don e Boris foram até o carro pegar o robô, as ferramentas e os mantimentos e Boris aproveitou pra perguntar se Adolf tinha falado alguma coisa dele no trajeto.

— Cara, na verdade ele quase não falou nada, só reclamou que nós arriscamos demais as nossas vidas pra salvar você. E também perguntou qual era sua relação com a Luna, como se não fosse óbvio.

— Óbvio? Qual é a minha relação com a Luna, Don?

— Ela gosta de você e tenta fazer parecer que não é nada além de amizade, você gosta dela mas não consegue se expressar, isso tá tão doce que até minha cárie tá criando cárie!

— Você tá com cárie?

— Força de expressão, mas que tal você carregar as mochilas e suas ferramentas enquanto eu coloco isso no porão?

Eles entraram rápido e Boris trancou a porta, só por precaução, e eles foram pro porão colocar a máquina. O porão era incrivelmente espaçoso e tinha uma ótima iluminação, mas tinham umas caixas cobertas com lençóis e Boris ficou curioso pra saber o que era, mas lembrou que tinha prometido não tocar em nada lá em baixo e pediu pra Don chamar Luna lá em baixo enquanto ele ia guardar as mochilas por quê ele ia precisar da ajuda deles dois. Alguns minutos depois, Luna chega com uma garrafa de vodka na mão e Don com umas barras de proteína e Snickers para dividirem entre eles.

— Qual o problema Borisinho? - perguntou Luna — O que aconteceu pra precisar da minha ajuda e do Don?

— Eu acho que tem um rastreador nessa máquina e quero uma ajuda pra achar e tirar ele sem danificar ela, preciso da sua ajuda pra me ajudar a achar e a do Don pra remover a bateria e também quero discutir outra coisa com vocês... Mas primeiro, consertos.

Eles passaram duas horas procurando o rastreador. Desmontaram a máquina inteira até que acharam um objeto que parecia uma lâmpada de led minúscula, mas estava piscando em vermelho e não estava conectado a nenhuma parte específica da máquina. Luna pegou aquilo e com muito cuidado abriu a parte de trás para dar uma olhada nos circuitos.

— Boris, desde quando você acha que isso tem um rastreador? - disse Luna, sem tirar os olhos dos circuitos.

— Desde que o Adolf chegou. Eu não confio nele e desde que ele chegou nós fomos atacados por uma ciborgue canibal e eu fui sequestrado. Eu achei que seria bem provável ter um rastreador nela.

— Ok, mas qual a outra coisa que você queria minha ajuda Boris? Isso dá pra destruir sem a minha força...

— Não é da sua força que eu preciso agora. Me digam, se eu destruir isso, eles vão atacar esse lugar não é?

— Provavelmente sim mano, por quê?

— O Josh e a esposa dele são pessoas legais, eles nos acolheram aqui quase sem fazer perguntas, além dele ser um bom amigo! Vocês acham que devemos fingir que isso nunca aconteceu e descartar isso daqui em outro lugar longe daqui? - disse ele, apontando para o rastreador.

— Borisinho, tu é muito esperto visse. Amanhã vamos procurar comida, voltamos aqui pra dividir um pouco com eles e vamos ir o mais longe possível e jogar isso fora. Eles não vão querer vir com a gente, deu pra ver nos olhos dela...

— Mas então mano, qual era a outra coisa mesmo? Ou era só pra isso e pra colocar de volta a bateria na máquina?

— Don, meu caro projeto de Hulk! Você pode ajudar em outra coisa sim. Chama o Josh aqui pra mim, por favor? Depois eu explico tudo.

Enquanto Boris, Don, Luna e Josh estavam conversando no porão, Diana e Jonas estavam conversando no telhado da casa.

— Sabe Diana, eu fico preocupado com a turma de vez em quando...

— Por quê? Todo mundo sabe se virar Jonas, até mesmo o Boris.

— Não é isso... É que todos chegam até aqui de um jeito, e o Boris acabou meio que juntando todo mundo... Mas você viu como desde que o Adolf chegou as coisas começaram a acontecer?

— Pois é... O Boris não gostou muito dele e o sentimento parece ser recíproco. Isso não vai dar muito certo até descobrirmos quem ele é de verdade. Aquela máquina do Boris disse umas informações sobre ele e tal, mas lembra que ela não dizia nada sobre o Rex?

— O Rex é u caso diferente. Ele as vezes some e sempre volta com alguma coisa, isso é muito estranho...

— Não é estranho. Eu só sei onde procurar as coisas e nem sempre volto com as mãos cheias. - disse Rex, causando um arrepio neles — E eu também não fui muito com a cara do Adolf. Ele me lembra alguém que já vi por aí.

— De onde você saiu Rex? - perguntou Diana.

— E quem ele lembra a você? - completou Jonas.

— Eu já estava aqui, mas não liguei muito pra conversa de vocês. E ele lembra um cara mau de um tempo atrás. Espero que a aparência não seja a única coisa parecida. - ele olhou os dois nos olhos, o que os fez ficarem com um pouco de medo enquanto ele não falava — Tomem cuidado aqui em cima ok? Eu vou descer pra falar com a Yoko. Ela parece muito nervosa com esse tanto de gente aqui.

— Tudo bem, boa noite Rex! - falou Diana, quando ele desceu — O Rex é legal, mas nunca baixar aquele capuz da camisa e quase sempre aquilo fazer sombra no rosto dele é muito assustador...

— Pois é... Mas ele é um cara legal. Então, o que você vai fazer se o pessoal se desentender e cada um ir pra um lado?

— Eu não sei... Acho que vou continuar por aí, matando uns demônios sabe? Continuar ajudando pessoas... - ela olha pra cima e fica observando o céu — A noite está linda não é? - disse com um meio sorriso.

— Sim... - disse ele, observando o rosto dela — Linda demais...

Yoko se assustou quando Rex bateu na porta do seu quarto e quase atirou nele antes de ele mostrar que não estava ali pra fazer mal e que só queria conversar.

— Senhora Yoko, eu posso fazer uma pergunta?

— Acabou de fazer. - disse ela com um sorriso discreto no canto da boca — Pode sim... Qual o seu nome mesmo?

— Me chamo Rex. Me diga uma coisa, o que fez você nos acolher aqui?

— Como assim Rex?

— É que você nos abrigou aqui, dividiu seus mantimentos conosco... Mas não nos conhecia, o que te fez agir assim?

— Eu achei vocês legais... E acho que... Eu aprendi desde pequena que Deus fica feliz com boas ações. E eu só quero um pouco de proteção sabe? Algumas coisas acontecem mesmo no apocalipse...

— Não se preocupe, o seu bebê ficará bem. É só fortificarem um pouco a casa e tudo vai ficar bem.

— Como sabia que eu estava grávida?

— Intuição. - disse ele com um sorriso — Agora eu vou deixar a senhora em paz. Durma um pouco, vai te fazer bem. Boa noite! - e saiu porta a fora.

Adolf estava escrevendo em um caderno que trazia no casaco e Rex chegou silenciosamente atrás dele, o que fez Adolf dar um pulo na cadeira que estava sentado.

— Adolf. Tome cuidado com suas decisões.

— O que quer dizer com isso?

— Apenas que eu não quero que você morra. Você é um bom homem, não tome decisões erradas.

— Isso foi uma ameaça?

— Não. Isso foi um conselho. Boa noite Adolf. Não seja um cara mal.

Dizendo isso, Rex foi para o porão e deu boa noite aos quatro que lá estavam e foi se deitar.

Capítulo 11 :